

ANGÉLICA AZEVEDO E SILVA, LIZA MARIA SOUZA DE ANDRADE, ANDREIA ALVES DO PRADO, CARLOS ROBERTO PEREIRA
DA CONCEIÇÃO E CAIO MONTEIRO DAMASCENO

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

*Architecture and the “buen vivir” as a form of Kalunga resistance: territorial planning
and recovery*

*Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del
territorio*

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the “buen vivir” as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Angélica Azevedo e Silva

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Atua como pesquisadora júnior no Grupo de Pesquisa e Extensão “Periférico, trabalhos emergentes” (Laboratório Periférico Assessoria Sociotécnica – FAU-UnB) e é pós-graduanda da Residência Multiprofissional em Ciência, Tecnologia e Sociedade – Habitat, Agroecologia, Saúde Ecológica e Economia Solidária. Foi pesquisadora da ação “Residência CTS no Programa Periferia Viva: assessoria sociotécnica na ARIS Dorothy Stang” na elaboração do projeto de urbanismo para a regularização fundiária do Dorothy Stang (Sobradinho-DF). E está iniciando o mestrado na área de Território, Cidade e Arquitetura pelo PPG-FAU/UnB com a pesquisa intitulada “Planejamento Territorial e Patrimônio Quilombola: resistência e desafios diante da titulação e da desintrusão”, uma continuação deste e do trabalho apresentado no “5º Congresso Internacional sobre Ambiências” (2024) sobre “Urbanismo Kalunga – sustentabilidade, ancestralidade e identidade”, agraciado com o 6º Prêmio “Carolina Bori Ciência & Mulher” pela SBPC em 2025.

Graduated in Architecture and Urbanism from the University of Brasília. She works as a researcher in the Research and Extension Group “Periférico, Trabalhos Emergentes” (Periférico Laboratory for Sociotechnical Advisory – FAU-UnB) and is a postgraduate resident in the Multiprofessional Residency in Science, Technology and Society – Habitat, Agroecology, Ecosystem Health and Solidarity Economy. She was a researcher in the project “CTS Residency in the Periferia Viva Program: sociotechnical advisory in the ARIS Dorothy Stang” for the development of the urban design project for the land regularization of Dorothy Stang (Sobradinho-DF). She is beginning her master’s degree in the field of Territory, City and Architecture (PPG-FAU/UnB), with the research “Territorial Planning and Quilombola Heritage: resistance and challenges in the face of land titling and de-occupation”, a continuation of this work and of the paper presented at the 5th International Congress on Ambiances (2024), “Kalunga Urbanism – sustainability, ancestry and identity”, awarded the 6th “Carolina Bori Women in Science Award” by SBPC in 2025.

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the “buen vivir” as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Graduada em Arquitetura y Urbanismo por la Universidad de Brasilia. Actúa como investigadora en el Grupo de Investigación y Extensión “Periférico, trabajos emergentes” (Laboratorio Periférico Asesoría Sociotécnica – FAU-UnB) y es residente de posgrado en la Residencia Multiprofesional en Ciencia, Tecnología y Sociedad – Hábitat, Agroecología, Salud Ecosistémica y Economía Solidaria. Fue investigadora en la acción “Residencia CTS en el Programa Periferia Viva: asesoría sociotécnica en la ARIS Dorothy Stang”, en la elaboración del proyecto de urbanismo para la regularización territorial de Dorothy Stang (Sobradinho-DF). Inicia su maestría en el área de Territorio, Ciudad y Arquitectura (PPG-FAU/UnB), con la investigación titulada “Planificación Territorial y Patrimonio Quilombola: resistencia y desafíos frente a la titulación y la desintrusión”, continuación de este trabajo y del presentado en el 5º Congreso Internacional sobre Ambiancias (2024), “Urbanismo Kalunga – sostenibilidad, ancestralidad e identidad”, galardonado con el 6º Premio “Carolina Bori Ciencia & Mujer” de la SBPC en 2025.

angeliczv21@gmail.com

Liza Maria Souza de Andrade

Arquiteta e urbanista pela UFMG, mestre e doutora em Arquitetura e Urbanismo pela UnB, é professora da FAU/UnB, onde coordena o Laboratório Periférico e o grupo “Periférico – trabalhos emergentes”. Atua com assessoria sociotécnica em territórios populares e comunidades tradicionais, com dezenas de trabalhos premiados. Coordena a Residência Multiprofissional CTS (PPG/FAU/UnB) Habitat, Agroecologia, Saúde Ecosistêmica e Economia Solidária. Atuou na Câmara de Extensão da UnB (2016-20) e no CONSAB/DF (2020-22). Integra a equipe do curso Reabilita desde 2008 e redes como BrCidadesDF e o ONDAS desde 2018. Pesquisa a produção do habitat no DF e entorno no campo e na cidade, cidades sensíveis à água, soluções baseadas na natureza. Coordena projetos vinculados ao Programa Periferia Viva, Periferia Sem Risco e SBN nas Periferias (Ministério das Cidades).

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the “buen vivir” as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Architect and urban planner from UFMG, with a master's and Ph.D. in Architecture and Urbanism from the University of Brasília (UnB). She is a professor at FAU/UnB, where she coordinates the Laboratório Periférico and the research group “Periférico – Emerging Works.” She works with sociotechnical assistance in popular territories and traditional communities, with dozens of award-winning projects. She coordinates the CTS Multiprofessional Residency (Graduate Program/FAU/UnB) Habitat, Agroecology, Ecosystem Health, and Solidarity Economy. She served on the UnB Extension Chamber (2016–2020) and the CONSAB/DF (2020–2022). She has been part of the Reabilita course team since 2008 and networks such as BrCidadesDF and ONDAS since 2018. Her research focuses on habitat production in the Federal District and its surroundings, both in rural and urban contexts, water-sensitive cities, and nature-based solutions. She coordinates projects linked to the Periferia Viva, Periferia Sem Risco, and SBN nas Periferias programs (Ministry of Cities).

Arquitecta y urbanista por la UFMG, con maestría y doctorado en Arquitectura y Urbanismo por la Universidad de Brasília (UnB). Es profesora de la FAU/UnB, donde coordina el Laboratório Periférico y el grupo de investigación “Periférico – Trabajos Emergentes”. Actúa en la asesoría sociotécnica en territorios populares y comunidades tradicionales, con decenas de trabajos premiados. Coordina la Residencia Multiprofesional CTS (Posgrado/FAU/UnB) Hábitat, Agroecología, Salud Ecosistémica y Economía Solidaria. Actuó en la Cámara de Extensión de la UnB (2016–2020) y en el CONSAB/DF (2020–2022). Integra el equipo del curso Reabilita desde 2008 y redes como BrCidadesDF y ONDAS desde 2018. Investiga la producción del hábitat en el Distrito Federal y su entorno, tanto en el campo como en la ciudad, las ciudades sensibles al agua y las soluciones basadas en la naturaleza. Coordina proyectos vinculados a los programas Periferia Viva, Periferia Sem Risco y SBN en las Periferias (Ministerio de las Ciudades).

lizamsa@gmail.com

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the "buen vivir" as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Andreia Alves do Prado

Possui mestrado em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Goiás, graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2002) e graduação em Licenciatura em Letras - Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2008). Atualmente é professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Tecnologia de Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, sustentabilidade na construção civil, habitação de interesse social, desempenho ambiental, construção com terra, e possui experiência especialmente com comunidades tradicionais.

She holds a master's degree in Civil Engineering from the Federal University of Goiás, a bachelor's degree in Architecture and Urbanism from the Pontifical Catholic University of Goiás (2002), and a bachelor's degree in English Language Teaching from the same institution (2008). She is currently a full professor at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Goiás. Her experience lies in Architecture and Urbanism, with an emphasis on Architectural Technology, focusing mainly on the following topics: education, sustainability in civil construction, social housing, environmental performance, earthen construction, and has particular experience working with traditional communities.

Posee maestría en Ingeniería Civil por la Universidad Federal de Goiás, licenciatura en Arquitectura y Urbanismo por la Pontificia Universidad Católica de Goiás (2002) y licenciatura en Letras - Inglés por la misma institución (2008). Actualmente es profesora titular del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Goiás. Tiene experiencia en el área de Arquitectura y Urbanismo, con énfasis en Tecnología de la Arquitectura y el Urbanismo, actuando principalmente en los siguientes temas: enseñanza, sostenibilidad en la construcción civil, vivienda de interés social, desempeño ambiental, construcción con tierra y posee experiencia especialmente con comunidades tradicionales.

andreia.prado@ifg.edu.br

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the "buen vivir" as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Carlos Roberto Pereira da Conceição

Liderança Kalunga, licenciado em Educação do Campo pela Universidade de Brasília (UnB) e mestrando em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT/UnB). Presidente da Associação Quilombo Kalunga (AQK) de Goiás, atua no fortalecimento territorial e na defesa dos direitos quilombolas, conquistados com muita luta e resistência. É bioconstrutor e idealizador do Coletivo Ciranda Viva e do Grupo de Teatro Vozes do Sertão Lutando por Transformação (VSLT), desenvolvendo ações voltadas ao empoderamento da juventude Kalunga. Se dedica a continuar a luta de seus ancestrais, trabalhando por um coletivo cada vez mais forte e unido.

Kalunga leader, with a degree in Rural Education from the University of Brasília (UnB) and a Master's student in Sustainability with Traditional Peoples and Territories (MESPT/UnB). President of the Kalunga Quilombo Association (AQK) in Goiás, he works to strengthen the territory and defend quilombola rights achieved through struggle and resistance. A biobuilder and founder of the Ciranda Viva Collective and the Theater Group Vozes do Sertão Lutando por Transformação (VSLT), he develops initiatives aimed at empowering Kalunga youth. He is dedicated to continuing the struggle of his ancestors, working for an ever stronger and more united collective.

Líder Kalunga, licenciado en Educación del Campo por la Universidad de Brasília (UnB) y estudiante de maestría en Sostenibilidad con Pueblos y Territorios Tradicionales (MESPT/UnB). Presidente de la Asociación Quilombo Kalunga (AQK) de Goiás, actúa en el fortalecimiento territorial y en la defensa de los derechos quilombolas, conquistados con mucha lucha y resistencia. Bioconstrutor e idealizador del Colectivo Ciranda Viva y del Grupo de Teatro Vozes do Sertão Lutando por Transformación (VSLT), desarrolla acciones dirigidas al empoderamiento de la juventud Kalunga. Se dedica a continuar la lucha de sus ancestros, trabajando por un colectivo cada vez más fuerte y unido.

cconceicao63@gmail.com

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the “buen vivir” as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Caio Monteiro Damasceno

Arquiteto e urbanista, integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão “Periférico: trabalhos emergentes” da Universidade de Brasília, pela qual é graduado. Também é especialista em Reabilitação Sustentável Arquitetônica e Urbanística pela mesma Universidade. Atuou como coordenador adjunto do projeto “Arquitetura Vernacular Kalunga: difusão e preservação dos saberes tradicionais”, do Polo UnB Kalunga do Departamento de Extensão DEX/UnB em 2022 e 2023, sendo integrante do grupo de 2021 a 2025. Atua em projetos de mobilização comunitária através do Processo Participativo, como ações voluntárias de revitalização do espaço urbano de forma autônoma em Cavalcante, Brasília e no DF através da CODHAB (2018).

Architect and urban planner, member of the research and extension group “Periférico: Emerging Works” at the University of Brasília, where he graduated. He also holds a specialization in Sustainable Architectural and Urban Rehabilitation from the same university. Served as deputy coordinator of the project “Kalunga Vernacular Architecture: dissemination and preservation of traditional knowledge”, part of the UnB Kalunga Hub of the Extension Department (DEX/UnB) in 2022 and 2023, and has been a member of the group from 2021 to 2025. Works on community mobilization projects through participatory processes, including voluntary actions for urban space revitalization in Cavalcante, Brasília, and the Federal District, in collaboration with CODHAB (since 2018).

Arquitecto y urbanista, integrante del grupo de investigación y extensión “Periférico: trabajos emergentes” de la Universidad de Brasília, donde se graduó. También es especialista en Rehabilitación Sostenible Arquitectónica y Urbanística por la misma universidad. Se desempeñó como coordinador adjunto del proyecto “Arquitectura Vernácula Kalunga: difusión y preservación de los saberes tradicionales”, del Polo UnB Kalunga del Departamento de Extensión (DEX/UnB) en 2022 y 2023, siendo integrante del grupo de 2021 a 2025. Participa en proyectos de movilización comunitaria mediante procesos participativos, incluyendo acciones voluntarias de revitalización del espacio urbano en Cavalcante, Brasília y el Distrito Federal, en colaboración con la CODHAB (desde 2018).

cmd.uad@gmail.com

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the “buen vivir” as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Resumo

Este artigo tem o objetivo de relacionar a arquitetura, o planejamento territorial e o bem viver das comunidades quilombolas Kalunga, destacando como projetos arquitetônicos, urbanísticos e planejamentos podem atuar como instrumentos de resistência cultural, reapropriação do território e fortalecimento da identidade. O estudo insere-se em um contexto onde a análise dos padrões espaciais do modo de vida quilombola Kalunga tem revelado uma profunda conexão entre a sustentabilidade, a ancestralidade e a identidade, expressa nas ambiências e atmosferas sensíveis percebidas nas territorialidades Kalunga conforme apresentado no 5º Congresso Internacional sobre Ambiências (2024) e integra o projeto de extensão “Planejamento Territorial e Urbanismo Kalunga”, desenvolvido pelo Laboratório Periférico da FAU-UnB. Para a projeção e pesquisa, foi utilizada a metodologia de pesquisa-ação participativa do Periférico. Entre os resultados são apresentados alguns dos padrões que constituem o bem viver Kalunga e sua integração nos projetos para o Armazém localizado na sede da AQK na parte urbana de Cavalcante-GO e para o Centro de Atendimento ao Turista (CAT) da Comunidade do Prata, construções que simbolizam a resistência quilombola, promovem a economia local e consolidam a retomada territorial. Bem como, a proposta inicial de um planejamento territorial para o Prata levando em consideração todas estas temáticas e as reais necessidades dos quilombolas para o espaço. Estes resultados demonstram que projetar em diálogo com a comunidade, respeitando saberes tradicionais e princípios do bem viver, promove justiça ambiental e social, preserva memórias coletivas, experiências sensíveis e fortalece a integração entre as pessoas e o território, oferecendo referências para futuras intervenções em contextos semelhantes. Nesse sentido, a área de atuação da arquitetura e do urbanismo precisa se tornar uma ferramenta que as pessoas podem contar para a tradução dos saberes ancestrais em soluções contemporâneas que respeitam o meio ambiente e os modos de vida locais.

Palavras-chave: Bem viver Kalunga. Planejamento territorial. Resistência.

Abstract

This article aims to relate architecture, territorial planning, and the “buen vivir” of the Kalunga quilombola communities, highlighting how architectural, urban, and planning projects can act as instruments of cultural resistance, territorial reappropriation, and identity strengthening. The study is set within a context where the analysis of spatial patterns of the Kalunga quilombola way of life has revealed a profound connection between sustainability, ancestry, and identity, expressed in the ambiances and sensitive atmospheres perceived in the Kalunga territorialities, as presented at the 5th International Congress on Ambiances (2024). It is part of the extension project “Kalunga Territorial Planning and Urbanism”, developed by the Laboratório Periférico of the University of Brasília (FAU-UnB). For design and research purposes, the Periférico’s participatory action-research methodology was applied. The results present some of the spatial patterns that constitute the Kalunga “buen vivir” and their integration into the projects for the Warehouse located at the AQK headquarters in the urban area of Cavalcante-GO and for the Tourist Reception Center in the Prata Community, constructions that symbolize quilombola resistance, promote the local economy, and consolidate territorial recovery. The article also introduces the initial proposal for territorial planning for Prata, considering all these

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the "buen vivir" as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

themes and the real needs of the quilombola population. These results demonstrate that designing in dialogue with the community, respecting traditional knowledge and the principles of "buen vivir", promotes environmental and social justice, preserves collective memories and sensitive experiences, and strengthens the integration between people and territory, offering references for future interventions in similar contexts. In this sense, the field of architecture and urbanism must become a tool that people can rely on to translate ancestral knowledge into contemporary solutions that respect the environment and local ways of life.

Keywords: Kalunga Buen Vivir. Territorial planning. Resistance.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo relacionar la arquitectura, la planificación territorial y el buen vivir de las comunidades quilombolas Kalunga, destacando cómo los proyectos arquitectónicos, urbanísticos y de planificación pueden actuar como instrumentos de resistencia cultural, reapropiación del territorio y fortalecimiento de la identidad. El estudio se sitúa en un contexto donde el análisis de los patrones espaciales del modo de vida quilombola Kalunga ha revelado una profunda conexión entre la sostenibilidad, la ancestralidad y la identidad, expresada en las ambiencias y atmósferas sensibles percibidas en las territorialidades Kalunga, tal como se presentó en el 5º Congreso Internacional sobre Ambiências (2024). Forma parte del proyecto de extensión "Planificación Territorial y Urbanismo Kalunga", desarrollado por el Laboratório Periférico de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de Brasilia (FAU-UnB). Para el diseño e investigación se aplicó la metodología de investigación-acción participativa del Periférico. Entre los resultados se presentan algunos de los patrones espaciales que constituyen el buen vivir Kalunga y su integración en los proyectos del Almacén ubicado en la sede de la AQK en la zona urbana de Cavalcante-GO y del Centro de Atención al Turista (CAT) de la Comunidad del Prata, construcciones que simbolizan la resistencia quilombola, promueven la economía local y consolidan la recuperación territorial. Asimismo, se presenta la propuesta inicial de planificación territorial para Prata, considerando todas estas temáticas y las necesidades reales de los quilombolas para el espacio. Estos resultados demuestran que proyectar en diálogo con la comunidad, respetando los saberes tradicionales y los principios del buen vivir, promueve la justicia ambiental y social, preserva las memorias colectivas y las experiencias sensibles y fortalece la integración entre las personas y el territorio, ofreciendo referencias para futuras intervenciones en contextos similares. En este sentido, el campo de la arquitectura y el urbanismo debe convertirse en una herramienta en la que las personas puedan confiar para traducir los saberes ancestrales en soluciones contemporáneas que respeten el medio ambiente y los modos de vida locales.

Palabras clave: Buen Vivir Kalunga. Planificación territorial. Resistencia.

Introdução

Em um contexto mundial de constantes transformações, marcado por crises climáticas e ambientais, desigualdades territoriais e perda da conexão simbólica e sensorial com o espaço, a análise dos padrões espaciais do modo de vida Kalunga tem revelado uma profunda conexão entre sustentabilidade, ancestralidade e identidade. A leitura das ambiências Kalunga permite compreender como estes aspectos evocam os princípios do bem viver, manifestando-se na vivência em harmonia com a natureza, nas festividades que revivem a memória coletiva e o simbolismo e nos costumes e crenças repassados pelos ancestrais.

Essa discussão iniciou-se no artigo “Urbanismo Kalunga: sustentabilidade, ancestralidade e identidade”, apresentado no 5º Congresso Internacional sobre Ambiências: Explorações sensíveis, ambiências em um mundo em transformação¹. Integra a ação de extensão “Planejamento Territorial e Urbanismo Kalunga” desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Laboratório Periférico (FAU-UnB) como continuidade a uma atuação de 10 anos em assessoria sociotécnica envolvendo Cavalcante-GO e o território Kalunga [1].



FIGURA 1 – Atuação do Laboratório Periférico com a comunidade Kalunga.

Fonte: Autores, 2025.

O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga é uma área remanescente quilombola situada no nordeste do Goiás [2]. Abrange aproximadamente 40 povoados distribuídos num território de 262.000 hectares, localizado dentro da microrregião Chapada dos Veadeiros, perpassando pelos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás (AQK, 2020). Trata-se do maior território quilombola do país em extensão e primeiro a ser reconhecido pela ONU como Território e Área Conservada por Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais e Locais (TICCA), um título internacional concedido a regiões que mantêm a conservação da natureza e o bem estar, nesse caso, voltado à preservação do Cerrado e da ancestralidade (QUILOMBO, 2021). O termo Kalunga tem origem no dialeto bantu e remete à conexão com o sagrado, um lugar de proteção (AQK, 2020).

1 Publicado no Ambiências, caderno de atas vol. 2, Rio de Janeiro, R43, pp. 3256-3269, 2024.

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the “buen vivir” as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

A gestão do território é realizada pela Associação Quilombo Kalunga (AQK), fundada em 1999 com a meta de representar a comunidade, assegurar seus direitos e preservar a história ancestral e a identidade cultural. Atualmente, a liderança é exercida por Carlos Pereira, principal responsável por articular as demandas mais recentes de arquitetura e planejamento territorial. Essas demandas envolvem a valorização da técnica de bioconstrução Kalunga, o fortalecimento da economia local e do escoamento da produção, e sobretudo, a reconquista da Comunidade do Prata.

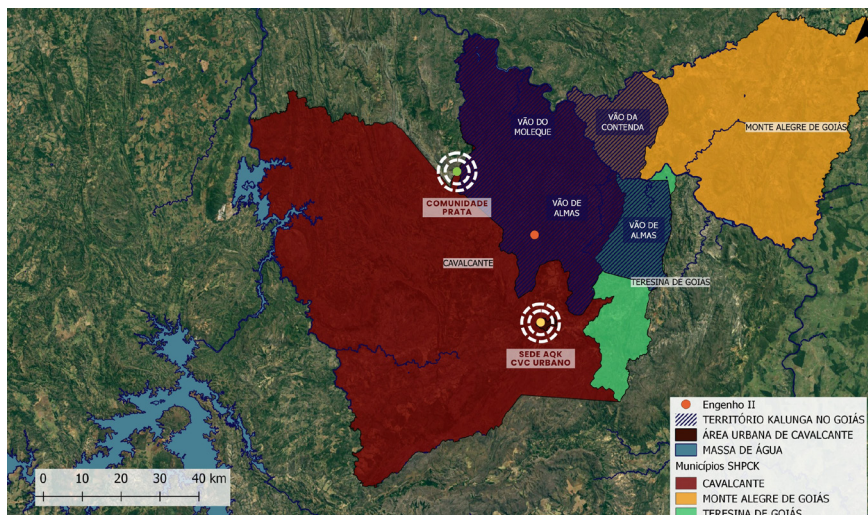


FIGURA 2 – Mapa de localização do Território Kalunga.

Fonte: Autores, 2025.

Essa reconquista ligada ao planejamento, emerge um espaço de debate sobre o respeito aos saberes tradicionais, a promoção de práticas sustentáveis e o reconhecimento do papel das comunidades quilombolas na preservação do Cerrado e na construção de futuros mais justos a partir das narrativas e experiências ancestrais. O artigo anterior apresentou os resultados do trabalho de conclusão da graduação e do PIBIC, agraciado posteriormente com o 6º Prêmio “Carolina Bori Ciência & Mulher” da SBPC em 2025. A presente escrita, por sua vez, tem o objetivo de demonstrar a continuidade dessa trajetória, evidenciando como os projetos elaborados para o Quilombo se constituem em símbolos de resistência e fortalecimento cultural, e como as ambiências Kalunga refletem na representação do bem viver no planejamento territorial quilombola e na preservação do patrimônio.

Esta abordagem possui tamanha relevância por dialogar com a Agenda 2030 da ONU e os novos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável propostos pelo Brasil, como o ODS 18 - Igualdade Étnico-Racial, que procura combater o racismo estrutural e o ODS 20 - Direitos dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais (3Apitos, 2025), que os reconhece como guardiões de saberes ancestrais e de práticas sustentáveis essenciais para o cumprimento também do ODS 11 - Cidades e Comunidades Sustentáveis.

Revisão da Literatura e Fundamentação Teórica

O Laboratório Periférico segue a pesquisa-ação em sua metodologia. Por seu caráter cíclico e participativo, perpassando diversas vezes pelas fases de identificação, projeção, realização e avaliação, o Periférico garante uma continuidade com a comunidade, compilando trabalhos de diferentes temáticas no mesmo território. Com isso, neste tópico será exibida a revisão das últimas publicações realizadas pela equipe no quilombo juntamente com outros autores que trazem as temáticas da sustentabilidade, ancestralidade, bem viver, saberes tradicionais e reconhecimento territorial.

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the “buen vivir” as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Os discursos sobre **sustentabilidade** surgem como uma resposta às problemáticas enfrentadas pelas cidades contemporâneas. Esse conceito é definido como a capacidade das cidades de atender às necessidades atuais sem comprometer as futuras, conforme CMMAD (1991). No entanto, é um tema complexo que exige uma abordagem interdisciplinar englobando o meio ambiente, a comunidade, a ecologia, a economia, a justiça social, a inovação tecnológica e a identidade cultural. Autores como DIEGUES (2003), enfatizam que a sustentabilidade “[...] é um conceito **plurifacetado** que envolve as dimensões sociais, econômicas e políticas”. Ele sublinha que as sociedades e comunidades sustentáveis devem surgir da harmonia entre a sociedade e a natureza, pelo reconhecimento da cultura e da história local, pela solidariedade que forma o sentimento de comunidade e pelo respeito à natureza.

Dentro dessa perspectiva, Acsegrad (2001) classifica a cidade em três cenários de sustentabilidade urbana, o da legitimação das políticas urbanas, o do espaço da qualidade de vida e o da representação técnico-material. Andrade (2011) os esquematiza nos conceitos de **cidades sustentáveis, cidades saudáveis e cidades ecoeficientes**, nesta ordem. O primeiro, relacionado às políticas do Estado e do Governo, focando na elaboração e cumprimento das Agendas; o segundo trata do bem-estar da comunidade num ambiente mais sadio e que atenda às necessidades básicas; e o terceiro se refere à eficiência energética e ao uso otimizado da matéria-prima para reduzir o desperdício.

Além disso, a noção da sustentabilidade urbana pode ser entendida em dois movimentos, conforme o mesmo autor. O **sentido utilitário** preocupa-se com o meio ambiente, mas busca pela continuidade da acumulação de capital, sendo protagonizado por interesses privados e corporações transnacionais. Por outro lado, o **sentido contracultural** questiona o estilo de vida atual e o consumismo, sendo defendido por movimentos sociais que buscam uma sociedade mais justa e sustentável. Portanto, é necessário reduzir o impacto ambiental, repensar o padrão de vida e inserir objetivos pertinentes de modo a seguir uma visão sistêmica (transdisciplinar). Isso assegura um ambiente urbano saudável, interligado às áreas verdes, com o uso mínimo de recursos naturais finitos e uma gestão integrada de políticas urbanas para melhorias gerais e justiça ambiental.

No estudo da forma urbana, Andrade (2014) trouxe uma grande contribuição ao integrar estudos ecológicos e processos biogeoquímicos no contexto urbano, com foco no **desenho urbano sensível à água**. A autora demonstrou a importância da análise e conexão dos padrões de organização espacial dos ecossistemas urbanos para a formulação de políticas públicas de planejamento, que podem ajudar a resolver os problemas relacionados aos fluxos de água nas cidades. Além disso, destacou a importância da área sociológica, sempre envolvendo a comunidade. Atualmente tem se falado nas **Soluções baseadas na Natureza (SbN)**, que são ações que proporcionam benefícios ambientais, sociais e econômicos e ajudam a construir a resiliência, pois “utilizam a natureza e as funções naturais de ecossistemas saudáveis para enfrentar os desafios mais urgentes do nosso tempo” (Centro, 2024).

Alinhando-se ao conceito de sustentabilidade, a **ancestralidade** é entendida por Oliveira apud Damasceno (2024), como uma fonte vital da sabedoria, da identidade, do pertencimento e da criatividade. Ela liga o passado, presente e futuro, formando uma rede que une as pessoas. Além disso, é uma memória que transcende tempo e espaço, possibilitando a criação de futuros possíveis. A ancestralidade ajuda na formação da identidade de um povo, Ciampa apud Faria e Souza (2011) destaca que a **identidade** é o “resultado (...) da interseção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos”.

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the "buen vivir" as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Nesse sentido, o conceito de **ambiências**, conforme abordado por pesquisadores da Rede Internacional Ambiances, contribui para compreender como as dimensões sensoriais, afetivas e simbólicas do espaço são fundamentais na constituição dos princípios do bem viver Kalunga. Segundo Thibaud (2015), as ambiências correspondem às atmosferas sensíveis produzidas pela interação entre corpo, espaço e contexto, permitindo compreender como o ambiente é vivido e apropriado cotidianamente. Enquanto o **bem viver**, ou *sumak kawsay* em quíchua, refere-se à vida comunitária em harmonia com a natureza, constituindo uma alternativa aos modos de desenvolvimento capitalista e modernista contemporâneos (Acosta, 2016). Esse conceito, originário de cosmovisões indígenas andinas e amazônicas, apresenta formas de superar as desigualdades a partir de uma perspectiva decolonial.

As autoras Arantes e Almeida (2013), reforçam sobre como o "**saber fazer**" tradicional Kalunga e a conexão deste povo com a terra, desencadearam na preservação da biodiversidade do Cerrado. Elas trazem alguns aspectos do modo de vida Kalunga, como o uso medicinal e alimentício das plantas, o artesanato, o imaginário por meio de tradições familiares, os rios, os festejos e as rezas, como sinônimos de territorialidade e apropriação do espaço natural de forma positiva.

Nesta temática, a equipe do Periférico elaborou o Guia da Arquitetura Vernacular Kalunga (Andrade et al., 2023), com o objetivo de difundir e preservar os **saberes construtivos** quilombolas interligados à tradição e à cultura. A partir disso, a pesquisa seguiu para a análise dos padrões de acontecimento das práticas Kalunga, da **organização espacial** e do habitat, (Silva et al., 2025; Andrade et al., 2025).

Todos estes conceitos enfatizam a necessidade de projetar o futuro seguindo parâmetros de planejamento que evidenciem o modo de vida das comunidades tradicionais, quilombolas e originárias, visto que, para estes, nunca se perdeu a conexão com a natureza. Paulino (2023) apresenta diretrizes de políticas territoriais baseadas no bem viver do Quilombo Mesquita (Cidade Ocidental-GO), e como as práticas culturais do lugar rebatem no **planejamento**, levantando a necessidade de valorização das especificidades do território na formulação de políticas públicas.

Mesmo em áreas urbanas, esse debate não se encontra totalmente esclarecido. Nos territórios quilombolas primeiramente a luta pela terra gira em torno do **reconhecimento e da titulação**, onde é seguido um processo começando pela certificação da Fundação Cultural Palmares, regularização fundiária pelo INCRA, elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), publicação de portaria de reconhecimento pelo INCRA, desapropriação de imóveis, e, por fim recebe-se o título coletivo (Maciel e Santos, 2020). Apesar do reconhecimento avançado no quilombo Kalunga, ainda há o enfrentamento de grileiros e invasores, passando por ameaças e processos de desintrusão, como o caso da Comunidade do Prata, portanto a resistência segue até o fim.

Fonte: Autores, 2025.

O Quadro 1 apresenta a revisão da literatura conectando os assuntos expostos.

Título	Autor	Ano	Principais contribuições
Sustentabilidade, Ambiências e Bem Viver			
Relatório Brundtland: Nosso Futuro Comum	CMMAD	1991	Elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU em 1987, é um documento histórico e fundamental que disseminou o conceito do desenvolvimento sustentável.
Sentidos da sustentabilidade urbana	ACSELRAD	2001	Classifica a cidade em três matrizes de sustentabilidade urbana: legitimação das políticas urbanas, espaço da qualidade de vida e representação técnico-material. Apresenta o movimento do sentido utilitário e contracultural.

QUADRO 1 – Quadro de revisão da literatura dos temas interligados na relação entre a arquitetura, o bem viver e o planejamento territorial.

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the "buen vivir" as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Sociedades e comunidades sustentáveis	DIEGUES	2003	Traz a sustentabilidade como um conceito plurifacetado e crítica a venda da ideia como fonte de lucro. Evidencia a importância de a construção de comunidades sustentáveis reafirmar seus elementos históricos e culturais.
RTF - Consolidação das ações do governo federal e da sociedade civil na temática das cidades sustentáveis	ANDRADE	2011	Sistematiza as matrizes de ACSELRAD em cidades sustentáveis, cidades saudáveis e cidades ecoeficientes. Faz parte de um arquivo desenvolvido ao Ministério do Meio Ambiente.
Conexões dos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos: a construção de um método com enfoque transdisciplinar para o processo de desenho urbano sensível à água no nível da comunidade e da paisagem	ANDRADE	2014	Demonstra a potencialidade dos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos para a integração de estudos transdisciplinares entre ecologia, planejamento e desenho urbano. Esquematiza os padrões baseados nos estudos de Alexander et al. (1977) e foca nos princípios que levam a um desenho urbano sensível à água.
The backstage of urban ambiances: When atmospheres pervade everyday experience	THIBAUD	2015	Compreende o sentido profundo do conceito de ambiências e explora como elas estão presentes nas experiências cotidianas dos espaços urbanos.
O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos	ACOSTA	2016	Crítica o modelo de desenvolvimento capitalista e modernista, traz a vida comunitária em harmonia com a natureza (o bem viver) como uma alternativa.
Catálogo Brasileiro de Soluções baseadas na Natureza	CENTRO	2024	Elaborado pelo Observatório de Inovação para Cidades Sustentáveis (OICS), conceitua as SbN e seus benefícios.
Territorialidade, Planejamento e Reconhecimento			
Kalunga - A sagrada terra	BAIOCCHI	1996	Marca o início dos estudos aprofundados no território Kalunga, a história, os festejos e a religiosidade, além da relação com os grileiros.
Uma história do povo Kalunga	MEC	2001	Conta a história do território Kalunga, relacionada à cultura, ao modo de viver e às tradições.
O saber fazer do povo Kalunga na conservação da biodiversidade do Cerrado em Goiás	ARANTES E ALMEIDA	2013	Defende que os aspectos do modo de vida Kalunga influenciaram fortemente na preservação da biodiversidade do Cerrado.
Relatório técnico: ação Kalunga: laudo da organização territorial	ANJOS	2017	Criou o mapa principal que representa o território Kalunga em sua totalidade com a nomeação dos vãos.
Territorialidade e cultura entre os Kalunga: para além do culturalismo	MARINHO	2017	Identifica três espaços sociais na organização do território Kalunga: a casa e a roça, o povoado ou localidades e os espaços sagrados.
Os caminhos para a titulação de territórios remanescentes quilombolas no Brasil	MACIEL E SANTOS	2020	Detalha o processo de reconhecimento territorial quilombola, titulação e desintrusão.
Bem viver no Quilombo Mesquita: o saber local de uma comunidade tradicional de remanescentes quilombolas	LISBOA et al.	2022	Analisa os aspectos do Bem Viver na perspectiva das comunidades quilombolas, o processo comunitário de desenvolvimento e a ocupação no Quilombo Mesquita.
Afroruralidades e políticas territoriais: o bem viver e identidade do território do Quilombo Mesquita como instrumentos de planejamento urbano regional	PAULINO	2023	Relaciona os padrões de ocupação quilombola com os parâmetros do Bem Viver resultando em diretrizes de políticas territoriais baseadas nos princípios da sustentabilidade para o Quilombo Mesquita.
Guia da Arquitetura Vernacular Kalunga: difusão e preservação dos saberes tradicionais	ANDRADE et al.	2023	Une informações sobre a arquitetura vernacular Kalunga. Foi elaborado pela equipe do Periférico junto aos bioconstrutores Kalunga.
Urbanismo Kalunga: a sustentabilidade nos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos e rurais de Cavalcante	SILVA et al.	2025	Detalha os espaços sociais de MARINHO (2017) e sistematiza em padrões espaciais Kalunga, bem como estuda a organização espacial do quilombo.
Planejamento territorial e urbanismo participativo no quilombo Kalunga: contribuições do projeto de extensão do Laboratório Periférico	ANDRADE et al.	2025	Apresenta as atividades do projeto de extensão "Planejamento Territorial e Urbanismo Kalunga" com análises voltadas para o habitat quilombola, a multifuncionalidade da parte produtiva e os arranjos temporários para festejos.

Metodologia

Nos projetos é seguida a metodologia do Laboratório Periférico, certificada como tecnologia social pela Fundação Banco do Brasil em 2021. Esta busca garantir o acesso de comunidades periféricas, assentados, indígenas, quilombolas e camponeses à assessoria sociotécnica de profissionais de arquitetura e urbanismo, enaltecendo a participação ativa das pessoas do território no processo de projeto. Fundamentada na pesquisa-ação e no diálogo freiriano, a prática desenvolvida pelo Periférico valoriza o debate, os saberes locais e o compartilhamento multidimensional em favor da autonomia e do fortalecimento dos territórios populares (Andrade et al., 2019).

A equipe inicia o trabalho analisando o contexto junto às pessoas locais, buscando compreender a relação das dimensões da sustentabilidade no espaço, estas são a ambiental, social, econômica e cultural (Andrade e Lemos, 2015). A partir dessa análise são sistematizados padrões espaciais e de acontecimentos, que são parâmetros ilustrados que apresentam as soluções e potencialidades do espaço de forma mais clara à comunidade (Alexander et al., 1977; Andrade 2014).

Os padrões servem de base para as oficinas participativas, no qual são manuseados em formato de cartas. Por fim, são elaborados cenários e propostas alternativas, construídos a partir da combinação dos padrões, que são debatidos com a comunidade também na etapa final de devolutiva e entrega do caderno técnico. Apesar do passo a passo, não é seguido o modo linear e sim cíclico, retornando os passos para readequação conforme contribuições da comunidade.

Com o projeto "Urbanismo Kalunga" (Silva et al., 2024), houve um aprofundamento no estudo de como a comunidade se organiza espacialmente, seu habitat e sua vivência em harmonia com a natureza, evidenciando o bem viver Kalunga (Silva et al., 2025; Andrade et al., 2025). Após este projeto, a liderança da AQK trouxe novas necessidades, como a construção de um Armazém onde as pessoas pudessem vender os produtos e a de um Centro de Atendimento ao Turista.

Juntamente com estas pesquisas, o Guia de Arquitetura Vernacular Kalunga (Andrade et al., 2023), foi fundamental como referência nos projetos de arquitetura desenvolvidos. Por último, a retomada do território exigiu um avanço no planejamento de ocupação, portanto procurou-se integrar estes estudos com os padrões espaciais do bem viver Kalunga. Durante o processo houveram visitas ao território, debates participativos com os co-desenvolvedores da comunidade, levantamento de voo de drone e registros fotográficos e escritos.

Resultados e discussão

Este tópico expõe inicialmente alguns dos resultados das pesquisas sobre o modo de vida e organização espacial que formulam o bem viver Kalunga, segue para as narrativas arquitetônicas e cenários alternativos com a integração destes padrões e para o planejamento territorial da área reconquistada.

Padrões espaciais do Bem Viver Kalunga

O povo Kalunga se organiza em três espaços sociais: a casa com a roça e o gado, o povoado e localidades de compartilhamento, e os espaços sagrados (Marinho apud Silva et al. 2025). Em cada um estão envolvidos variados padrões espaciais que enfatizam o bem viver Kalunga. No primeiro, ao analisar o habitat percebe-se o

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the "buen vivir" as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

uso de uma arquitetura vernacular com o uso da terra e da palha para a técnica do adobe e da taipa de mão. Também depara-se com um grande quintal de convívio (sem cercamentos) que demonstra o contato maior dos quilombolas com a família e com a terra, pelo manejo de hortas, jardins, plantas medicinais e árvores frutíferas além da criação de animais para a alimentação. A conexão com o espaço também se dá pelo uso de materiais locais na produção dos mobiliários, do jirau (que é um elemento tradicional que segura as louças para secagem ou que mantém uma horta suspensa) e do fogão à lenha.

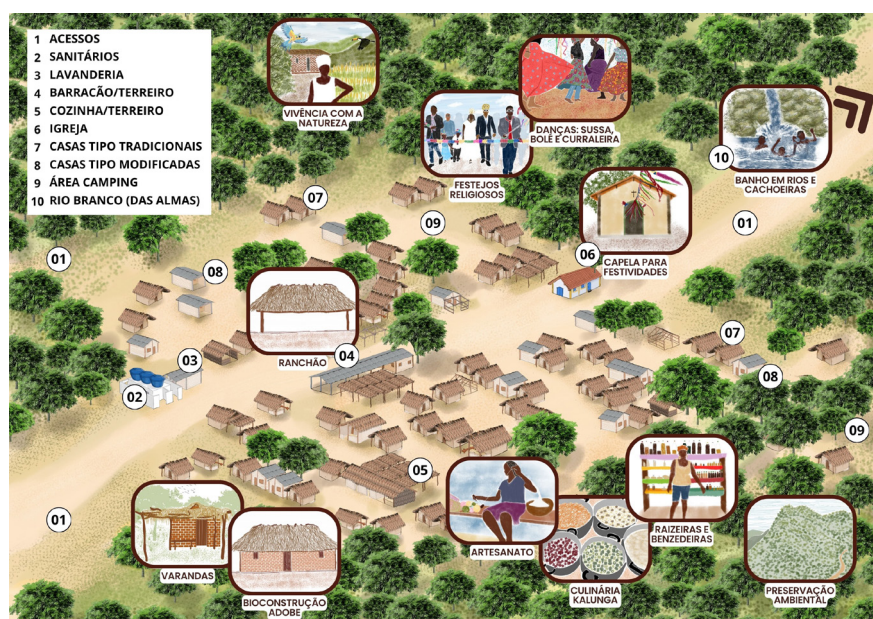
No segundo espaço social, o bem viver evidencia-se na sustentabilidade com a relação com a água pelos banhos em rios e cachoeiras, pela pesca e pelo transporte por canoas, e com as áreas verdes e a biodiversidade de fauna e flora por sua preservação. A plantação da roça no território é feita por meio de um rodízio para permitir que o solo das áreas utilizadas no plantio se recupere, esse mesmo pensamento leva à criação do gado solto.

No terceiro, observa-se sobretudo a ancestralidade e a identidade. A comunidade organiza-se em núcleos familiares afastados entre si, mas reúne-se nos festejos anuais, realizados em locais destinados a esse fim. Cada região (ou "vão") do território Kalunga possui essa área específica, onde se concentram habitações temporárias, agrupadas conforme laços familiares e de vizinhança (Andrade et al., 2025). Nesses espaços [3], acontecem danças tradicionais como a sussa, o bolé e a curraleira; e romarias e rituais que celebram a fé, a cultura, batizados e casamentos; além do compartilhamento da culinária tradicional, do artesanato e dos saberes de raizeiras e benzedeiras. Esses encontros tornam-se momentos especiais de transmissão de histórias e saberes ancestrais.

Estes três espaços revelam também as ambiências próprias do modo de ser Kalunga, tanto materiais quanto imateriais. As texturas da terra, a sensação térmica proporcionada pelo adobe, o calor do fogão à lenha, os sons das festas, os cheiros das plantas, o movimento das águas dos rios, a vista da paisagem que promove o bem-estar, bem como os saberes de cura, as crenças ancestrais e a conexão com a espiritualidade, compõem um conjunto de experiências sensíveis e sensação de pertencimento, evocando lembranças das relações afetivas vividas em cada momento da vida comunitária.

FIGURA 3 – Representação esquemática das tipologias arquitetônicas e padrões espaciais da área de festejo quilombola Kalunga. Romaria do Vão de Almas, Cavalcante-GO.

Fonte: Adaptado de Andrade et al., 2025.



Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the "buen vivir" as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Narrativas arquitetônicas e cenários alternativos com a integração dos padrões Kalunga

Retomando o artigo apresentado no *Ambiências* (SILVA et al., 2024), as proposições daquele trabalho basearam-se em soluções alternativas seguindo três escalas de projeto, a macro referente ao município e território Kalunga, a meso à cidade de Cavalcante e a micro a um projeto no nível da rua de um bairro majoritariamente Kalunga. A macro e a meso resultaram em zoneamentos e planejamentos territoriais visando a criação de novas zonas como a "Zona de Agroecologia e Conservação" e a "Zona Agroecológica de Interesse Social e Quilombola", que resguardam e incentivam a integração entre o habitat e os sistemas de produção agroecológicos, respeitando os ecossistemas e se inspirando na sustentabilidade do modo de viver Kalunga.

Na microescala os aspectos de sustentabilidade, ancestralidade e identidade foram reunidos numa proposta de requalificação da Avenida São Paulo da Vila Morro Encantado (Cavalcante-GO) com o objetivo de fortalecer a visibilidade Kalunga na cidade. Foi uma tentativa de repensar a reconfiguração de espaços urbanos de modo a criar narrativas e cenários condizentes com a comunidade local. Integrou uma adaptação dos padrões Kalunga para a cidade, bem como Soluções baseadas na Natureza, que é uma forma de resolver alguns dos problemas urbanos como a drenagem pluvial e os alagamentos que ocorrem na Vila, de modo menos agressor ao meio ambiente [4].

O espaço permitiria maior interação da comunidade da Vila com acesso a equipamentos adequados e expandiria a economia local e a cultura da comunidade para os turistas, porém o projeto não foi implementado mesmo ocorrendo conversas com o prefeito de Cavalcante em 2023 e 2024.

FIGURA 4 – *Ambiências da Avenida São Paulo com integração e adaptação de padrões Kalunga no espaço.*

Fonte: Adaptado de SILVA et al., 2024.



Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the "buen vivir" as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Após a elaboração desta proposta, foi desenvolvido um projeto arquitetônico para o Armazém Quilombo Kalunga, localizado na sede da AQK na parte urbana de Cavalcante-GO, fruto da demanda por ampliação da estrutura existente. Anteriormente, a equipe do Periférico havia estruturado diferentes alternativas para a ocupação integral do terreno, conforme o programa de necessidades estabelecido em conjunto, que compreendia uma área de cozinha comunitária no fundo, uma área de dormitório para os quilombolas que vêm dos territórios e necessitam de estadia temporária na cidade, um armazém junto a um museu na frente para a venda e armazenamento de produtos agrícolas e artesanais locais, bem como um espaço de horta para abastecimento da cozinha e pracinhas de convivência além da edificação administrativa já existente.

Com a captação de uma parte dos recursos pelo líder da AQK junto ao projeto Copaíbas e o Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (FUNBIO), o Armazém foi escolhido para a construção inicial do conjunto, portanto recebeu um detalhamento arquitetônico e executivo pela equipe Periférico junto ao IFG Campus Uruaçu e foi construído de fevereiro a março de 2025.

Erguido em adobe produzido pela própria comunidade e com duas paredes em taipa de mão, o espaço valoriza a bioconstrução Kalunga. Além disso, o projeto previu um pergolado com vegetação na entrada, uma praça sombreada e a preservação das árvores originais do lote. Durante a inauguração, a praça recebeu barracas de palha montadas pela comunidade para comercialização de produtos, reforçando o caráter identitário do espaço [5]. A experiência foi tão bem recebida que o projeto foi replicado no território do Vão do Moleque, inaugurado em setembro de 2025 com o apoio do Tribunal de Justiça de Goiás (TJGO) e de seu Projeto Raízes Kalungas, que busca promover o acesso à cidadania, justiça e inclusão social.

FIGURA 5 – Proposta para a sede da AQK em Cavalcante com destaque para o projeto e inauguração do Armazém Quilombo Kalunga com integração dos padrões espaciais.

Fonte: Autores, 2025.



Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the "buen vivir" as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Sob o mesmo apoio, foi inaugurado o Centro de Atendimento ao Turista (CAT) da Comunidade do Prata concebido a partir de debates com os co-desenvolvedores Kalunga. O projeto do CAT compreende dois blocos de edificação feitos de tijolos de adobe produzidos pela comunidade: um com sanitários e outro com recepção e loja de produtos e lembrancinhas locais para os turistas. São interligados por um pergolado com trepadeiras e possui um espaço de descanso na frente com uma árvore no centro [6]. Pensando no saneamento ecológico, ao lado do bloco de sanitários foi proposta a construção de uma fossa de bananeiras.



FIGURA 6 – Projeto e construção do CAT do Prata com integração de alguns padrões espaciais.

Fonte: Autores, 2025.

Planejamento e retomada do território da Comunidade do Prata

A comunidade Kalunga do Prata situa-se numa parte da divisa entre Goiás e Tocantins e o projeto do CAT se fez necessário pelo processo de retomada deste espaço pelos quilombolas. Este território estava sendo utilizado por fazendeiros mesmo estando no perímetro do SHPCK; após a desintrusão, foi estabelecido um tempo para a reocupação. O complexo atualmente se caracteriza por um casarão que possui uma parte da tipologia em arquitetura vernacular Kalunga, por pequenas montanhas espalhadas ao redor, por um grande vale que proporciona uma vista de contemplação, por uma plantação de arnqueiras e pelo acesso a algumas cachoeiras do Rio Prata como a Rei do Prata, a Esmeralda e o Vale de Marte [7].



FIGURA 7 – Imagens da Comunidade Kalunga do Prata.

Fonte: Autores, 2025.

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the "buen vivir" as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

A continuidade desse processo tem se encaminhado para o planejamento territorial da comunidade do Prata, com a perspectiva de constituir uma pequena vila Kalunga destinada aos quilombolas, mas de modo a acolher também os turistas em casas de hospedagem. Este planejamento valoriza os padrões espaciais presentes nas vivências quilombolas, como o uso da bioconstrução vernacular, a preservação ambiental, a tipologia com varandas e o rancho como espaço que mantém a comunidade reunida [8].



FIGURA 8 – Planejamento territorial inicial da comunidade Kalunga do Prata.

Fonte: Autores, 2025.

Para a apresentação inicial aos co-desenvolvedores da comunidade, foi elaborado um caderno com o projeto, croquis, padrões espaciais e numeração, locação e área dos lotes. O desenho do plano se limitou aos vales presentes em volta, por isso em alguns momentos a organização se dá de forma linear e em outros se demonstra mais aglomerada. Os representantes da comunidade ressaltaram a importância de preservar a maior parte das áreas verdes, principalmente as que possuem vegetação frondosa nativa do Cerrado, a das arnqueiras, a dos montes e o contorno do Rio Prata. Também estipularam um limite de crescimento, não permitindo a expansão para além do casarão, caminho que leva às cachoeiras.

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the “buen vivir” as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

Ademais, foram pensados mirantes para a contemplação da paisagem dos vales e um espaço livre perto do CAT para as atividades festivas. As próximas etapas buscam aprofundar e detalhar este planejamento, sempre em diálogo com as necessidades reais dos quilombolas e os princípios do bem viver Kalunga.

As ações revelaram impactos significativos no fortalecimento da identidade cultural. Passando pelas dimensões, na sustentabilidade ambiental manteve-se o equilíbrio ecológico com o meio ambiente ao utilizar a técnica da bioconstrução e materiais locais, além de preservar as arborizações nativas. Na social destaca-se a participação e a construção de espaços que oferecem mais áreas de convívio. A dimensão econômica se evidencia na melhora da possibilidade de escoamento e geração de renda, fomenta também a economia solidária entre os povoados com a conexão na gestão dos armazéns. Por fim, na cultural, entra a parte simbólica da reconquista do território e preservação da memória, da história e das tradições, e a arquitetura como instrumento de resistência. Essas experiências demonstram como os projetos arquitetônicos, urbanísticos e os planejamentos territoriais, quando guiados pelos princípios do bem viver, podem potencializar os modos de vida Kalunga e valorizar seus saberes tradicionais.

Considerações Finais

Essas construções arquitetônicas configuram-se como símbolos de resistência e afirmação da presença quilombola. O Armazém da AQK ampliou a visibilidade Kalunga na cidade, onde ainda há um pouco da falta de reconhecimento da presença quilombola na área urbana. Estudos anteriores (SILVA et al., 2024) indicam que bairros com maior concentração quilombola, como a Vila Morro Encantado, seguem com infraestrutura precária. A replicação do Armazém no Vão do Moleque reforça uma rede econômica, que tende a se fortalecer com a implantação de novos armazéns, facilitando o escoamento e a comercialização de produtos locais.

Na comunidade do Prata, a construção do CAT representa um marco na retomada do território após um processo de luta e devolução de terras. O planejamento territorial adequado é essencial para consolidar a ocupação, mas deve manter-se alinhado com os princípios do bem viver Kalunga, garantindo um sentimento de pertencimento.

O conjunto de projetos e pesquisas de extensão do Laboratório Periférico (FAU-UnB) tem se mostrado uma referência para novas ações junto às comunidades tradicionais, contribuindo para a permanência da identidade, da ancestralidade e da sustentabilidade territorial Kalunga. Esse acúmulo de experiências também colaborou com a proposição do curso de pesquisa e extensão “SUMAK KAWSAY – Bem-Viver: Culturas Insubordinadas e Invisibilizadas da América Latina em suas Vozes pela Cultura de Paz”, iniciada pela parceria entre CEAM-UnB, UNIPAZ e União Planetária, que será lançado em 2025, reconhecendo a urgência de integrar saberes ancestrais e cosmologias quilombolas, afrodescendentes e originárias com os referenciais críticos contemporâneos.

As ações desenvolvidas reafirmam a importância de projetar em diálogo com a comunidade e o território, promovendo justiça ambiental e social. Assim, as ambiências Kalunga, em suas dimensões arquitetônicas, urbanas e paisagísticas, revelam-se como expressão das territorialidades quilombolas e reforçam a necessidade de compreender o território a partir das experiências sensíveis, espirituais e culturais das comunidades, reconhecendo que a atuação do arquiteto deve ser instrumento de respeito e preservação das ambiências que sustentam as territorialidades, os saberes e as identidades quilombolas.

Agradecimentos

Por fim, ficam os agradecimentos à comunidade Kalunga pelas trocas, a todas as pessoas envolvidas nas pesquisas e projetos de extensão do Periférico relacionados, à equipe do Ambiências e à SBPC pelo reconhecimento dado ao trabalho.

Referências

3APITOS. ODS 18, 19 e 20: reimaginando o desenvolvimento sustentável. **3 Apitos**, fev. 2025. Disponível em: <https://www.3apitos.com.br/post/ods-18-19-e-20-reimaginando-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 16 out. 2025.

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

ACSELRAD, H. Sentidos da sustentabilidade urbana. In: ACSELRAD, Henri (Org.), **A duração das cidades**: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2001, pp. 43-70.

ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M.; JACOBSON, M.; FIKSDAHL-KING, I.; ANGEL, S.. **A Pattern Language**: towns, buildings, construction. New York: Oxford University Press, 1977.

ANDRADE, L. M. S. **Conexão dos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos**: A construção de um método com enfoque transdisciplinar para o processo de desenho urbano sensível à água no nível da comunidade e da paisagem. Brasília: Programa de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014, 544 p. [Tese de Doutorado]. Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

ANDRADE, L. M. S.; LOUREIRO, V. R. T.; LENOIR, J. A. F.; LEMOS, N. da S. Extensão e tecnociência solidária: Periférico no DF e entorno. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte**, PUC Minas: v. 26, n. 38, p. 189-234, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/Arquiteturaeurbanismo/article/view/22188>. Acesso em: 30 set. 2025.

ANDRADE, L. M. S.; CONCEIÇÃO, C. P.; DAMASCENO, C. M.; OLIVEIRA, L. F. de C.; MABONI, T. X.; PAZOS, V. C. **Guia da Arquitetura Vernacular Kalunga**: difusão e preservação dos saberes tradicionais. Brasília: LaSUS FAU UnB, 2023. Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/507>. Acesso em: 29 jul. 2025.

ANDRADE, L. M. S.; LEMOS, N. Qualidade de projeto urbanístico: Sustentabilidade e qualidade da forma urbana. In: BLUMENSCHIEIN, R.; GUINANCIO, C.; PEIXOTO, E. (Org.). **Avaliação da qualidade da habitação de interesse social**: projetos urbanístico e arquitetônico e qualidade construtiva. Brasília: FAU/UnB, 2015, pp. 19-98. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277708754_Avaliacao_da_qualidade_da_habitacao_de_interesse_social_projetos_urbanistico_e_arquitetonico_e_qualidade_construtiva. Acesso em: 29 jul. 2025.

ANDRADE, L. M. S. **RTF – Consolidação das ações do Governo Federal e da sociedade civil na temática das cidades sustentáveis**: levantamento do estado da arte na temática das cidades sustentáveis. Relatório final. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2011.

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the "buen vivir" as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

ANDRADE, L. M. S.; OLIVEIRA, L. F. de C.; OLIVEIRA, A. P.; LEITE, A. C. M.; CONCEIÇÃO, C. P.; SILVA, A. A.. Planejamento territorial e urbanismo participativo no quilombo Kalunga: contribuições do projeto de extensão do Laboratório Periférico. In. **VI Encontro Latino-Americano e Europeu sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis (EUROELECS)**. Rio de Janeiro, no prelo, 2025.

AQK. Associação Quilombo Kalunga – A história de um povo. Alto Paraíso de Goiás: 2020. Disponível em: <https://quilombokalunga.org/press/>. Acesso em: 30 set. 2025.

ARANTES, M. M.; ALMEIDA, M. G. O saber fazer do povo Kalunga na conservação da biodiversidade do Cerrado em Goiás (Brasil). Élisée. **Revista de Geografia da UEG**, [S. l.], v. 1, n. 02, pp. 51–70, 2013. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/1291>. Acesso em: 16 out. 2025.

CENTRO de Gestão e Estudos Estratégicos: O que são Sbn? (2023). **Catálogo Brasileiro de Soluções baseadas na Natureza**. Disponível em: <https://catalogo-sbn-oics.cgее.org.br/capitulos/conhecendo-e-entendendo-sbn/o-que-sao-sbn/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Nosso futuro comum. **Relatório de Brundtland**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

DAMASCENO, M. E. **Ancestralidade**. Dicionário Interativo. [Apresentação em Prezi]. Disponível em: https://prezi.com/p/rs5gl7h_otcq/dicionario-interativo/. Acesso em: 16 ago. 2024.

DIEGUES, A. C. Sociedades e comunidades sustentáveis. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras da USP, 2003. [Dissertação para o NUPAUB]. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FARIA, E.; SOUZA, V. L. T.. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista semestral de Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo: v. 15, n. 1, pp. 35-42, jan/jun 2011.

LISBOA, D. B.; ANDRADE, L. M. S.; PAULINO, M. S. Bem viver no Quilombo Mesquita: o saber local de uma comunidade tradicional de remanescentes quilombolas. **Revista de Comunicação Dialógica**. Rio de Janeiro, Brasil, n. 8, p. 43–69, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/rcd/article/view/71130>. Acesso em: 16 out. 2025.

MACIEL, S. A.; SANTOS, R. W. P. do. Os caminhos para a titulação de territórios remanescentes quilombolas no Brasil. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 15, n. 38 Dez., pp. 52–80, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/53934>. Acesso em: 16 out. 2025.

PAULINO, M. da S. **Afroruralidades e políticas territoriais: o bem viver e identidade do território do Quilombo Mesquita como instrumentos de planejamento urbano regional**. Brasília: Programa de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2023, 275p. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

QUILOMBO Kalunga é reconhecido pela ONU como primeiro território no Brasil conservado pela comunidade. G1, Goiânia, 11 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/02/11/quilombo-kalunga-e-reconhecido-pela-onu-como-primeiro-territorio-no-brasil-conservado-pela-comunidade.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2025.

Arquitetura e bem viver como resistência Kalunga: planejamento e retomada do território

Architecture and the “buen vivir” as a form of Kalunga resistance: territorial planning and recovery

Arquitectura y buen vivir como resistencia Kalunga: planificación y recuperación del territorio

SILVA, A. A.; ANDRADE, L. M. S.; DAMASCENO, C. M.; OLIVEIRA, L. F. de C. Urbanismo Kalunga: a sustentabilidade nos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos e rurais de Cavalcante. **DESAFIOS. Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, Palmas: v. 12 (ENEPEA), n. 2, 2025. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/21158>. Acesso em: 30 set. 2025.

SILVA, A. A.; ANDRADE, L. M. S.; DAMASCENO, C. M.; CLEMENTE, S. Urbanismo Kalunga: sustentabilidade, ancestralidade e identidade. In. 5º Congresso Internacional sobre Ambiências. **Caderno de Atas: Sensory Explorations Ambiances in a changing world**. Rio de Janeiro/Lisboa: International Ambiances Network, v. 2 (RJ), pp. 3256-3269, 2024. Disponível em: <https://ambiances2024.ambiances.net/download/rio-2025.pdf>. Acesso em: 30 set. 2025.

THIBAUD, J-P. The backstage of urban ambiances: When atmospheres pervade everyday experience. **Emotion, Space and Society**. Publicação internacional acadêmica, Holanda: v. 15, pp. 39-46, mai 2015.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 16/10/2025**Aprovado em 28/10/2025**